



Perfil Socioeconômico do Pescador Profissional da Barra do Urucuia

Thomás Toshio Yoshinaga, Ana Paula Glinfskoi Thé, Daniel Vieira Crepaldi, Francine Kateriny Santos

Introdução

A pesca é uma das formas mais tradicionais de trabalho em todo o mundo, na qual se gera empregos e consequentemente renda, sendo o sustento de grande parte da população mundial [1]. No vale do São Francisco, a pesca artesanal ou profissional é uma das atividades mais comuns com inúmeras famílias ribeirinhas exercendo esta profissão há varias gerações. Entretanto, esta atividade corre sérios riscos de desaparecer em função de fatores ambientais e político-institucionais que colocam essas famílias em um processo de pauperização e exclusão social [2].

A baixa renda do pescador está relacionada à sazonalidade do pescado, sendo assim, necessita da capacidade de criar seus próprios meios de produção, uma aguda percepção ambiental e base para técnicas corporais peculiares para capturar o peixe, já que a captura do mesmo garante o sustento da família [3].

A escassez do recurso pesqueiro e os conflitos decorrentes aceleram os processos de pauperização e exclusão, o levantamento socioeconômico para o alto-médio São Francisco demonstrou que entre os anos de 1999 e 2001 a renda do pescador ficou próximo dos dois salários e meio e o baixo grau de escolaridade com aproximadamente sessenta e quatro por cento dos pescadores sem dominar a escrita e leitura [2].

Atribui-se pouco valor ao estudo socioeconômico dos pescadores artesanais e suas formas de organização [1] e tem sido ressaltado em vários outros trabalhos a necessidade da agregação da pesquisa com a comunidade devido à segregação do instrumento e seu usuário, haja vista que a extração do pescado através da atividade pesqueira é um processo tecnológico e cultural [4].

Objetivou-se com o trabalho levantar o perfil socioeconômico do pescador artesanal da Barra do Rio Urucuia, no município de São Francisco – MG, levando em consideração a perpetuação da pesca artesanal na região.

Material e métodos

A coleta de dados qualitativos foi realizado através de entrevistas livres para um melhor entendimento das expressões utilizadas e posteriormente entrevistas semi-estruturadas com os pontos de interesse levantados previamente. Para as entrevistas foi utilizada a metodologia onde se busca ser o menos restritivo possível para evitar o constrangimento do entrevistado, podendo assim responder de acordo com os seus próprios conceitos e lógica [5]. A escolha dos entrevistados foi feita através da técnica conhecida como “bola de neve (*snow ball sampling*)” onde um entrevistado indica os próximos a participarem da pesquisa. Esta técnica contribui na escolha dos melhores informantes entre a comunidade de pescadores estudada.

Resultados

Foram entrevistados 17 pescadores da comunidade onde se obteve os seguintes dados: idade, tempo de pesca, cidade de origem, escolaridade, registro de pesca profissional, renda vinculada a pesca e a outras atividades, se a pesca foi à única atividade praticada e expectativas sobre os filhos na perpetuação da profissão desempenhada por eles.

Destes, 88% eram homens, 70% naturais do próprio município de São Francisco-MG como demonstrado na **Figura 1A**. A média de idade de 41 anos sendo o mais novo com idade de 27 anos e o mais velho 67 anos. O tempo de profissão variou entre 13 até 61 anos sendo a média de aproximadamente 30 anos, destes pescadores apenas um informou não possuir a carteira de pescador profissional.

Quanto ao número de filhos a média foi de três filhos por pescador e através de uma análise de GLM, foi verificado se a idade influencia no número de filhos, houve um resultado significativo $p < 0,01$ como demonstra o **Figura 1B**. Ainda, a média de residentes morando com os pescadores foi aproximadamente quatro.

O grau de escolaridade dos entrevistados é baixo, 29% não tiveram nenhum tipo de instrução escolar e 59% não concluíram o ensino fundamental, equivalente à antiga 4ª Série.

No que diz respeito à vontade de que seus filhos continuem na profissão de pescador, 88% responderam que não,



apenas um entrevistado respondeu que sim e outro não soube responder. Quando questionados sobre outras atividades desempenhadas, 35 % afirmaram ter outros trabalhos esporádicos como de tratorista, vaqueiro, auxiliar em marmoraria e operador de máquinas, mas a principal categoria citada foi lavrador. Dos pescadores entrevistados, 82% disseram que a renda atualmente provém exclusivamente da pesca.

Discussão

A idade média encontrada no presente trabalho foi condizente com as encontradas em outro trabalho realizado no alto-médio São Francisco que obteve médias entre 37 e 46 em quatro localidades [6] sendo que a média de tempo de exercício na profissão encontrada no presente estudo é superior as encontradas para outras localidades que foram de 23,28,23 e 29 anos respectivamente para Três Marias, Pirapora, Buritizeiro e Januária [6].

As famílias de pescadores estudados também são do tipo nuclear, composta de pai, mãe e filhos além de numerosas, em alguns casos foi relatado a presença de doze filhos através do número de filhos se pode testar se a quantidade de filhos está relacionada com o a idade do pai, a partir do resultado pode-se afirmar que quanto mais velho é o pescador(a) mais filhos possui, corroborando com os estudos realizados na região [2].

A baixa escolaridade também é característica da categoria dos pescadores artesanais e está de acordo com o encontrado para a área, entretanto para algumas localidades existe o desejo por parte dos pescadores em se alfabetizar, além do estudo ser valorizado pelos mesmos como meio para a inclusão social para os seus filhos [2] o que pode-se verificar na fala dos pescadores quando indagados sobre a vontade de que os filhos continuem na profissão de pescador: "*Tem que estudar, a pescaria está ficando fraca*" P-13; e "*Tem que estudar, tem que virar doutor*" P-16.

O exercício de outras atividades para complementação da renda não é novidade, o plantio de lavouras, a prestação de serviços na construção civil, guia turístico para pesca amadora, comerciante de peixes são trabalhos comuns, geralmente temporários sem vínculo empregatício para garantir o auxílio defeso [6]. Muitos pescadores já exerceram outras profissões, entretanto devido a não adaptação aos centros urbanos ou a afetividade com a atividade de pesca, estes pescadores acabam retornando para suas comunidades. Um outro acontecimento muito observado na comunidade estudada é a migração temporária quando os rendimentos com a pesca estão baixos, muitos pescadores vão para outras cidades em busca de empregos temporários e retornam assim que são avisados que a pesca está melhor.

Considerações Finais

A realidade socioeconômica dos pescadores da Barra do Rio Urucuia é similar a de outras cidades ribeirinhas estudadas no que diz respeito à renda, escolaridade, tempo de pesca e expectativas sobre as próximas gerações, geralmente expressando o não anseio que seus filhos sigam a profissão e busquem o estudo para mudar de vida. O pescador artesanal profissional além do processo de pauperização e exclusão social agora dá indícios de que sucumbirá.

A depleção dos estoques pesqueiros não pode ser atribuída apenas a classe dos pescadores profissionais, existem diversos outros fatores a serem considerados como ausência de cheias, a construção e presença de empreendimentos hidrelétricos que barram os rios, a expansão da fronteira agropecuária que provoca desmatamento e assoreamento, a poluição industrial que afeta a qualidade da água e a sobrevivência da ictiofauna, dentre outros. Enquanto não houver o consenso de que o pescador profissional é um sujeito chave e que as medidas mitigadoras devem ser tomadas para o "tabuleiro inteiro", estaremos perdendo a passos largos a diversidade biológica e cultural associada a pesca artesanal tradicional do São Francisco.

Agradecimentos

A CAPES e ao IBAMA-MG respectivamente por bolsa de mestrado e fomento do projeto.

Referências

- [1] CAVALCANTE, R. E. S.; **Caracterização da pesca artesanal exercida pelos pescadores cadastrados na Colônia Z-3 do município de Oiapoque – Amapá, Brasil**. 2011. 58p. (Curso de Engenharia de Pesca da Universidade do Estado do Amapá) - Universidade do Estado do Amapá, Macapá, 2011.
- [2] VALENCIO, N. F. L. S.; *et al.* **A precarização do trabalho no território das águas: limitações atuais ao exercício da pesca profissional no alto-médio São Francisco**, p. 423-446. In: H. P. Godinho & A. L. Godinho (org.). **Águas, peixes e pescadores do São Francisco das Minas Gerais**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003. 468p.
- [3] DIEGUES, A. C. **Ilhas e mares: simbolismo e imaginário**. São Paulo: Hucitec, 1998. 272p.
- [4] AGOSTINHO, A. A.; GOMES, L. C.; PELICICE, F. M. **Ecologia e manejo de recursos pesqueiros em reservatórios do Brasil**. Maringá: EDUEM, 2007.

- [5] POSEY, D. A.; **Introdução à Etnobiologia: teoria e prática**. In: Ribeiro, D. Sum. Etnol. Bras., v.1, Etnobiologia. Petrópolis: Vozes, 1987.
- [6] THÉ, A. P. G.; **Conhecimento Ecológico, Regras de Uso e Manejo Local dos Recursos Naturais na Pesca do Alto-Médio São Francisco, MG**. 2003. 197p. (Curso de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais) – UFSCar, São Carlos, 2003.

Tabela 1. Cidades de origem dos pescadores entrevistados e sua respectiva porcentagem amostral.

Cidade de Origem	%
Icaraí	6
Pintópolis	12
Remanso	6
São Francisco	71
São Romão	6

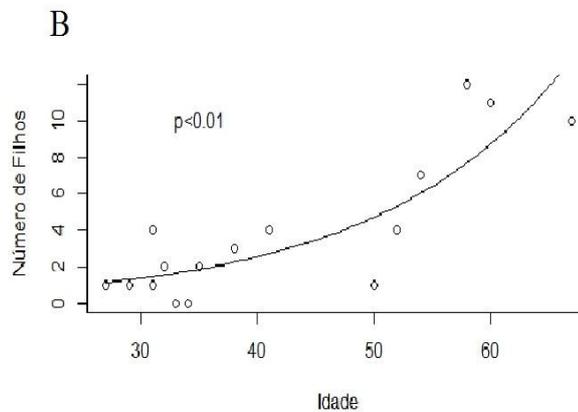
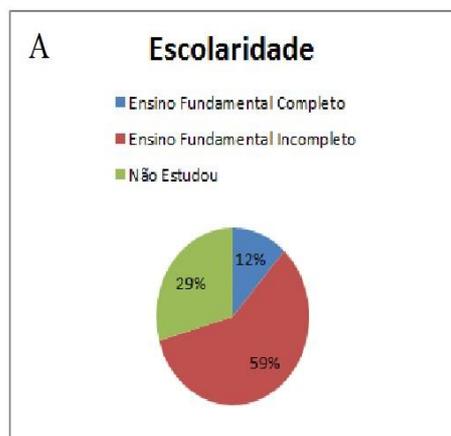


Figura 1A – Grau de escolaridade dos entrevistados. **Figura 1B** – Gráfico com a relação entre o número de filhos e a idade do pescador(a).